

Informar para Incluir: neurodivergência no Transporte Aéreo

Coordenação:

Secretaria Nacional de Aviação Civil - SAC
Ministério de Portos e Aeroportos - MPor
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Autores:

Gabriela Ishikawa Boniholi
Rebeca Baracho Moreira Sirio
Francieli Xavier B. dos Santos
João Henrique M. Teixeira
Bruna de Paiva Bonora
Rubens Felipe Ribeiro Guelere
Luiz Antônio Tonin

Apoio:

Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC)
INFRAERO Aeroportos
Aeroportos do Brasil (ABR)
Associação Brasileira de Empresas Aéreas (ABEAR)

APRESENTAÇÃO

O Programa de Atendimento ao Passageiro com Transtorno do Espectro Autista - TEA é uma iniciativa da Secretaria de Aviação Civil do Ministério de Portos e Aeroportos - SAC/MPor, que tem como objetivo “proporcionar uma melhor experiência aos passageiros neurodivergentes e/ou com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus familiares, nos aeroportos brasileiros, por meio da implantação de salas multissensoriais e salas de acomodação sensorial, bem como pela capacitação dos profissionais do setor”.

Outras ações do [Programa TEA](#), assim como materiais de apoio e capacitação, estão disponíveis no site. Para mais informações sobre o transporte aéreo, acesse o site da [Agência Nacional de Aviação Civil \(ANAC\)](#).

Tendo em vista a competência técnica da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar para realização de estudos e materiais relacionados ao assunto TEA, foi estabelecida parceria com essa instituição para elaboração de material para capacitação do pessoal do setor.

Como parte das ações voltadas à promoção da inclusão no setor aeroportuário, foi desenvolvida uma série de cartilhas com foco no acolhimento ao passageiro neurodivergente e na promoção de experiências inclusivas no ambiente aeroportuário. Ao todo, foram elaboradas seis cartilhas, sendo quatro destinadas a diferentes perfis de profissionais envolvidos no atendimento ao público nos aeroportos; uma direcionada ao público geral, e outra voltada especificamente para familiares e pessoas neurodivergentes:

- Ciclo de Viagem: guia para pessoas neurodivergentes e seus familiares
- Comissários de Bordo - Atendimento ao passageiro Neurodivergente
- Equipe de solo - Atendimento ao passageiro Neurodivergente
- Gestão Aérea e Aeroportuária e o Atendimento ao Passageiro Neurodivergente
- Informar para Incluir: neurodivergência no Transporte Aéreo
- Utilização das Salas Multissensoriais

É importante ressaltar que todos esses materiais têm caráter **orientativo**. As informações e sugestões contidas nas cartilhas **visam apoiar o acolhimento e a capacitação**, mas não substituem, em hipótese alguma, **a obrigação de verificar, consultar ou conhecer as regulamentações e normativas oficiais vigentes do setor de aviação civil**, como as emitidas pela **Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC)** e outras autoridades competentes.

As cartilhas foram estruturadas para oferecer orientações claras, linguagem acessível e conteúdos aplicáveis à rotina aeroportuária. Cada uma das quatro cartilhas voltadas ao atendimento profissional aborda aspectos específicos das atividades de diferentes setores, como segurança, atendimento, serviços de bordo, inspeção, embarque e recepção, com sugestões de posturas acolhedoras, comunicação eficiente e identificação de sinais de sobrecarga sensorial.

A cartilha destinada ao público geral visa sensibilizar os demais passageiros quanto à importância da empatia, respeito e convivência com a diversidade, enquanto a cartilha voltada aos familiares e às pessoas neurodivergentes apresenta estratégias de antecipação, recursos disponíveis no aeroporto e orientações sobre como se preparar para a experiência de viagem.

Este conjunto de materiais busca contribuir para a construção de um ambiente aeroportuário mais acessível e acolhedor para os passageiros neurodivergentes e apoiar a transformação cultural e operacional, fortalecendo o compromisso com a inclusão e o respeito às individualidades dos passageiros.

CONTEÚDO DESTA CARTILHA

Nesta cartilha, o leitor conhecerá melhor o conceito de neurodiversidade, compreendendo que diferenças neurológicas — como autismo, TDAH e dislexia — fazem parte da diversidade humana. Ao longo das páginas, serão explorados os desafios que o ciclo de viagem aérea pode representar para pessoas neurodivergentes, abordando temas como sobrecarga sensorial, comunicação alternativa, preferências alimentares e as comorbidades enfrentadas por esse público.

Também será apresentado conteúdo sobre:

- A forma como pessoas neurodivergentes percebem e reagem a estímulos sensoriais em ambientes como aeroportos e aviões;
- Os impactos da ecolalia, das estereotipias e de outras formas de comunicação no cotidiano de pessoas com TEA;
- Estratégias para promover uma interação mais respeitosa e acolhedora com passageiros neurodivergentes;
- Como reduzir o estigma e contribuir para uma cultura de inclusão e empatia no transporte aéreo.

Com linguagem simples e exemplos práticos, esta cartilha foi elaborada para quem deseja compreender melhor, acolher e respeitar as diferentes formas de ser e estar no mundo — especialmente durante a experiência da viagem de avião.

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO	5
Você sabe o que é neurodiversidade?	7
Como o ciclo de viagem pode afetar a pessoa neurodivergente?	11
Como você, passageiro, pode ajudar?	13
Como facilitar a interação com pessoas neurodivergentes?	15
Como identificar e lidar com uma crise sensorial no ambiente aeroportuário	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
Para lembrar...	22
Referências	23

GLOSSÁRIO

Acompanhante:

Pessoa que acompanha o passageiro neurodivergente, podendo oferecer apoio emocional, prático e comunicacional durante o ciclo de viagem.

Abafador de som:

Equipamento utilizado para reduzir ruídos externos, especialmente útil para pessoas com hipersensibilidade auditiva.

Ciclo de Viagem:

Conjunto de etapas que compõem a experiência de um passageiro em uma viagem aérea: chegada ao aeroporto, check-in, inspeção de segurança, embarque, voo, desembarque e saída.

Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA):

Conjunto de estratégias e recursos (como pictogramas, aplicativos e pranchas) que ampliam ou substituem a fala para facilitar a comunicação de pessoas com dificuldades de expressão verbal.

Comportamento repetitivo:

Ações como balançar o corpo, bater as mãos ou repetir palavras, comuns em pessoas com TEA. Podem ser formas de autorregulação ou resposta ao ambiente.

Cordão de Girassol:

Símbolo utilizado para indicar deficiências ocultas, conforme a Lei nº 14.624/2023, facilitando o atendimento prioritário.

Crise Sensorial:

Reação intensa do corpo a uma sobrecarga de estímulos sensoriais, causada por sons, luzes, cheiros, entre outros, que pode resultar em comportamentos de evitação, irritabilidade ou autoagressão.

Deficiência Oculta:

Condição de saúde ou deficiência que não é visível externamente, como autismo, TDAH, doenças crônicas, entre outras.

Ecolalia:

Repetição de palavras, sons ou frases previamente ouvidas, comum entre pessoas com TEA. Pode ter função comunicativa, emocional ou de processamento cognitivo.

Estereotipias:

Movimentos, sons ou comportamentos repetitivos realizados pela pessoa, como balançar o corpo, bater as mãos, balançar as pernas ou repetir palavras e sons. Em geral, servem para ajudar na autorregulação emocional ou sensorial — ou seja, são formas de se acalmar, se concentrar ou expressar emoções.

Hiperfoco:

Foco intenso e prolongado em um interesse específico, comum em pessoas neurodivergentes, especialmente com TEA.

Hipersensibilidade sensorial:

Quando os sentidos (audição, visão, tato, olfato, paladar) percebem os estímulos de forma muito intensa. Sons, luzes, cheiros, toques ou sabores podem ser percebidos como desconfortáveis, dolorosos ou difíceis de suportar.

Hipossensibilidade sensorial:

Oposto da hipersensibilidade. Nesse caso, a pessoa percebe os estímulos com menos intensidade. Pode não reagir a sons altos, procurar toques mais firmes ou movimentos intensos, ou ter dificuldade em perceber dor ou calor.

Neuroatípico:

Pessoa cujo funcionamento neurológico se desvia do padrão considerado típico.

Neurodiversidade:

Conceito que reconhece que diferenças neurológicas (como o autismo, TDAH, dislexia) são variações naturais do cérebro humano.

Neurotípico:

É um termo que se refere a sujeitos que apresentam desenvolvimento e funcionamento neurológico típico, isto é, dentro dos padrões regulares.

Sobrecarga sensorial:

Situação em que há estímulos em excesso (barulho, luz, movimento, contato físico, etc.), ultrapassando o limite que a pessoa consegue processar. Pode causar ansiedade, agitação, dificuldade de comunicação e, em alguns casos, crises sensoriais.

Você sabe o que é neurodiversidade?

Viajar de avião pode ser uma experiência empolgante, mas também desafiadora — especialmente para pessoas neurodivergentes. O ambiente aeroportuário, com seus sons altos, luzes intensas, filas, regras de segurança e mudanças constantes de rotina, pode representar uma sobrecarga sensorial e emocional significativa para quem percebe o mundo de maneira diferente.

O conceito de neurodiversidade nos convida a enxergar as diferenças neurológicas como parte natural da variação humana. Cada pessoa tem formas únicas de processar informações, comunicar-se e interagir com o ambiente — e isso deve ser respeitado. Promover a inclusão não significa tratar todos da mesma forma, mas sim reconhecer as diferenças e criar condições para que cada pessoa possa se sentir segura, compreendida e acolhida.

A Neurodiversidade é um conceito que reconhece as variações neurológicas dentro da população como parte natural da condição humana¹. Cada indivíduo apresenta um estilo único de funcionamento neurológico — assim como as impressões digitais são únicas, os neurotipos também variam de pessoa para pessoa².

Atualmente, a neurodiversidade abrange uma ampla gama de condições do neurodesenvolvimento e transtornos neurológicos, ampliando seu foco inicial, que era voltado especialmente ao Transtorno do Espectro Autista (TEA)³.

A população neurodivergente é composta por pessoas que têm, ou estão associadas a, padrões de atividade cerebral frequentemente considerados atípicos em relação ao funcionamento esperado em indivíduos neurotípicos⁴.

¹Doyle, 2020; Lang et al., 2024.

²Lang et al., 2024.

³Araujo; Silva; Zanon, 2023.

⁴Donaghy; Moore; Green, 2023

As pessoas neurotípicas são aquelas cujos padrões de funcionamento neurológico estão dentro do que é considerado estatisticamente mais comum ou esperado pela sociedade, especialmente em termos de cognição, comportamento e processamento sensorial.

Já as pessoas neuroatípicas, também chamadas de neurodivergentes, apresentam modos de funcionamento cerebral que se desviam desses padrões convencionais.

Este grupo inclui, mas não se limita a, pessoas diagnosticadas com:

- **Transtorno do Espectro Autista (TEA):** pode envolver dificuldade na comunicação social, padrões repetitivos de comportamento e sensibilidade sensorial;
- **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH):** envolve desatenção, impulsividade e/ou hiperatividade;
- **Dislexia:** dificuldade de leitura e escrita por causa de alterações no processamento dos sons das palavras;
- **Dispraxia:** dificuldade de coordenação motora que afeta movimentos, fala e tarefas do dia a dia;
- entre outras condições.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais⁵, pessoas dentro do TEA podem apresentar déficit na comunicação social ou interação social (como nas linguagens verbal ou não verbal e na reciprocidade socioemocional) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, como estereotípias, movimentos contínuos, interesses fixos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais, sendo que essas características estão presentes desde o início da infância.

⁵ APA, 2022

Todas as pessoas com autismo partilham destas dificuldades, **mas cada uma delas será afetada em intensidades diferentes**, resultando em situações bem particulares. Por isso, dizemos que esse transtorno abrange o “**espectro autista**”.

É importante ressaltar que, de acordo com a legislação brasileira, **a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerada pessoa com deficiência para todos os efeitos legais**. Essa definição está prevista na Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Assim, **os direitos assegurados às pessoas com deficiência** — como acessibilidade, atendimento prioritário, inclusão e respeito às suas especificidades — **também se aplicam às pessoas com TEA**, garantindo a proteção e a promoção de sua plena participação social.

É importante também destacar que nem todas as pessoas com TEA utilizam a fala como forma principal de comunicação. Algumas se expressam por meios alternativos, como o uso de figuras (pictogramas) impressas ou em aplicativos específicos de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Essas estratégias ajudam a tornar a interação mais clara e acessível para todos os envolvidos.

Entre os comportamentos comunicativos comuns no TEA, destaca-se a ecolalia, que pode causar estranhamento em quem não conhece essa forma de expressão. A ecolalia consiste na repetição de palavras, frases ou sons previamente escutados. Essa repetição pode acontecer imediatamente após o que foi ouvido — sendo chamada de ecolalia imediata — ou ocorrer após algum tempo, caracterizando a ecolalia tardia.

Embora muitas pessoas não estejam familiarizadas com esse comportamento, ele é bastante presente entre pessoas com TEA, especialmente em fases do desenvolvimento da linguagem. A ecolalia não deve ser interpretada como “imitação sem sentido”, pois pode ter função comunicativa, emocional ou até cognitiva. É importante respeitar esse modo de expressão, compreendendo que ele faz parte das diferentes maneiras de se comunicar e interagir com o mundo.

Uma outra forma pela qual o TEA pode se manifestar é por meio do hiperfoco — um padrão de atenção intenso, restrito e de difícil flexibilização, bastante comum em pessoas autistas.

Diferente de um simples interesse ou hobby, o hiperfoco envolve uma imersão profunda em determinado tema ou atividade, a ponto de a pessoa se desligar do ambiente ao redor e até negligenciar necessidades básicas, como alimentação ou descanso. Esse comportamento pode perdurar por horas ou dias, e costuma estar associado a uma rigidez cognitiva, dificultando a aceitação de variações ou novas formas de apresentar o tema.

Interesses como dinossauros, números, máquinas ou personagens animados são exemplos frequentes. Embora o hiperfoco possa trazer benefícios quando bem conduzido, também pode levar ao isolamento social e ao prejuízo na aprendizagem se não for acompanhado com estratégias adequadas. Por isso, recomenda-se que profissionais e famílias trabalhem com foco na expansão do repertório, na regulação emocional e na flexibilização cognitiva, evitando que o hiperfoco se torne uma barreira para o desenvolvimento global da pessoa.

Como o ciclo de viagem pode afetar a pessoa neurodivergente?

Viajar de avião é um processo que envolve várias etapas: chegar ao aeroporto, fazer o check-in, passar pela inspeção de segurança, aguardar o embarque, entrar na aeronave, enfrentar o voo e, por fim, desembarcar. Para muitas pessoas, isso é apenas parte da rotina. Mas para quem é neurodivergente, como pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esses momentos podem ser extremamente desafiadores.

O ambiente aeroportuário é repleto de estímulos sensoriais intensos, como:

- Ruídos altos e inesperados (anúncios no alto-falante, motores, sirenes);
- Luzes fluorescentes ou muito fortes;
- Cheiros fortes (alimentos, combustível, perfumes);
- Espaços cheios e movimentados;
- Filas longas e esperas prolongadas;
- Contato físico com pessoas desconhecidas;
- Mudanças de última hora (portões, horários, procedimentos);
- Necessidade de tirar objetos pessoais para inspeção.

Essas situações podem causar desconforto sensorial e emocional intenso em pessoas com TEA, principalmente se elas têm maior hipersensibilidade sensorial (ou seja, sentem tudo com mais intensidade) ou necessidade de rotina e previsibilidade.

Alguns momentos da jornada de viagem são especialmente delicados e podem desencadear crises sensoriais:

- Check-in: Filas longas, barulho e espera em pé;
- Inspeção de segurança: Ter que tirar os pertences, passar pelo raio-x e as regras rígidas;
- Sala de embarque: Espaços cheios, sons altos e atrasos no voo;

- Dentro da aeronave: Barulho dos motores, cinto de segurança apertado, espaço reduzido e luzes;
- Mudanças inesperadas: Troca de portão, atrasos, instruções confusas ou ambientes desconhecidos.

Os sinais de que uma pessoa pode estar em crise incluem:

- Cobrir os ouvidos ou os olhos;
- Chorar, gritar ou ficar muito agitada;
- Fazer movimentos repetitivos com o corpo ou as mãos (como balançar ou bater palmas);
- Dificuldade para falar ou se comunicar;
- Reações físicas como náusea, tontura ou mal-estar;
- Comportamentos como empurrar, gritar ou até se machucar — que não são agressões intencionais, mas sim uma tentativa de lidar com a sobrecarga.

Esses sinais **são formas de comunicação** — muitas vezes a única forma que aquela pessoa tem de dizer: "**Está difícil demais para mim**".

Alterações sensoriais comuns entre pessoas neurodivergentes também podem afetar o olfato e o paladar. Isso faz com que muitas delas tenham preferências alimentares bastante específicas, baseadas em texturas, sabores ou temperaturas que consideram agradáveis ou toleráveis. Além disso, fatores como a cor dos alimentos e o contato entre diferentes itens no prato também podem influenciar negativamente a aceitação da refeição. Diante de cardápios

restritos, como os oferecidos durante voos, essas preferências podem dificultar a alimentação, gerando desconforto e estresse.

Além disso, muitas pessoas com TEA apresentam outras condições associadas, conhecidas como comorbidades, sendo a ansiedade uma das mais comuns⁸. Durante uma viagem, esse quadro pode intensificar o estresse e gerar reações físicas como agitação, cansaço excessivo, dificuldade para se concentrar, irritabilidade, tensão no corpo e alterações no sono.

Outra condição frequentemente associada é o TDAH, que pode dificultar o manejo da espera, o foco em atividades específicas e a permanência em ambientes com estímulos imprevisíveis.

Além disso, é possível que algumas pessoas também convivam com o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), que tende a influenciar a presença de comportamentos repetitivos e a necessidade de manter rotinas fixas. Entender essas condições auxilia na construção de interações mais respeitadas e acolhedoras, especialmente em contextos de maior estímulo, como o deslocamento aéreo.

Como você, passageiro, pode ajudar?

- **Não julgue.** O que parece “birra” pode ser uma crise real de sofrimento sensorial.
- **Evite se aproximar ou tocar a pessoa**, a menos que um acompanhante ou profissional peça ajuda.
- **Dê espaço.** A aglomeração pode piorar o quadro.
- **Mantenha a calma.** Sua tranquilidade ajuda a tornar o ambiente mais seguro.
- **Se perceber que a pessoa está desacompanhada e em crise**, procure imediatamente um funcionário do aeroporto ou agente de segurança.
- **Evite comentários ou olhares de reprovação**, especialmente se estiver com crianças — e aproveite para ensiná-las sobre respeito às diferenças.

Demais Informações Importantes

O cordão de fita com desenhos de girassóis, instituído pela Lei nº 14.624/2023, é um símbolo nacional para identificar pessoas com deficiências ocultas. Já o cordão de fita com quebra-cabeça é o símbolo mundial da conscientização do transtorno do espectro autista, pela Lei nº 13.977/2020. O uso desses símbolos é opcional e sua ausência não interfere no exercício de direitos e garantias previstos em lei, porém são itens de muita importância para identificação no aeroporto e entender que o passageiro que estiver utilizando pode precisar de adaptações específicas.

Passageiros com deficiência oculta são aqueles que possuem condições de saúde ou deficiências que não são visíveis externamente, ou seja, não apresentam sinais ou características evidentes para quem os observa. Elas podem ser neurológicas, cognitivas, físicas, visuais, auditivas e também incluem doenças raras e condições crônicas (HD SUNFLOWER, s.d.)

Em momentos de crise sensorial, é comum que passageiros neurodivergentes utilizem objetos de regulação sensorial, como brinquedos táteis, mantas de peso ou abafadores de som, que auxiliam na autorregulação e no alívio da sobrecarga. Os abafadores de som são ferramentas valiosas, pois ajudam a controlar o excesso de estímulos auditivos no ambiente. Eles reduzem a intensidade dos sons, permitindo que a pessoa se sinta mais tranquila e concentrada, facilitando a adaptação ao ambiente e ao processo de viagem.

Como facilitar a interação com pessoas neurodivergentes?

É comum que pessoas neurotípicas se sintam inseguras ao interagir com alguém neurodivergente. Muitas vezes, ouvimos relatos como⁶:

- “Preferi ficar em silêncio porque não sabia como agir.”
- “Evitei me aproximar, pois ouvi dizer que pessoas com autismo não gostam de contato.”

Essas reações evidenciam que ainda há muitos estereótipos e generalizações sobre o TEA. No entanto, é essencial lembrar que cada pessoa no espectro é única. Em qualquer situação de interação, algumas atitudes podem contribuir para que o contato seja mais respeitoso e acolhedor:

1. Cumprimente com naturalidade, sem iniciar contato físico. Algumas pessoas autistas podem ter sensibilidade aumentada ao toque. Não estranhe se não houver resposta imediata ou esperada — isso não significa rejeição, mas sim uma forma diferente de lidar com interações sociais.

Se a pessoa não responder de imediato, não insista nem interprete como falta de educação — cada um se comunica à sua maneira.

2. Seja direto e objetivo na fala. Frases curtas e claras tendem a facilitar a compreensão e evitam sobrecarregar a pessoa. Evite também o uso de metáforas, piadas ou expressões ambíguas, que podem gerar confusão ou interpretações literais.

Por exemplo, prefira dizer “A fila começa ao lado esquerdo” em vez de “Acho que a fila deve começar por ali, mas não tenho certeza”.

⁶ Moral et. al., 2021

3. Fique atento aos sinais não verbais. Nem sempre a resposta virá em palavras, mas atitudes como acompanhar você ou se afastar podem indicar claramente como a pessoa está se sentindo.

Neste caso, apenas dê espaço e evite insistir em conversar. O silêncio também pode ser acolhimento.

4. Esteja ciente dos estímulos do ambiente. Locais muito iluminados, barulhentos ou movimentados podem causar incômodo sensorial.

*Se estiver próximo de alguém que parece desconfortável, evite aumentar o barulho ou fazer comentários diretos sobre o comportamento dela. **Lembre-se: cada um reage de um jeito ao mesmo ambiente.***

5. Se a pessoa estiver envolvida em uma atividade de interesse, respeite esse momento. A aproximação pode ser mais eficaz se você demonstrar interesse genuíno pelo que ela está fazendo.

Se a pessoa estiver observando a pista ou brincando com um objeto, evite comentários como “Nossa, você gosta tanto assim de avião?” ou “Está nervoso?”. Apenas respeite o momento e mantenha o espaço confortável para ambos.

6. Reconheça que a expressão emocional pode ser diferente. Risos ou choros fora de contexto não indicam necessariamente desrespeito, ou desinteresse, mas sim uma forma distinta de processar emoções.

Se algo te parecer “fora do esperado”, apenas mantenha uma postura tranquila e respeitosa. O mais importante é não reagir com julgamento.

Como identificar e lidar com uma crise sensorial no ambiente aeroportuário

Uma crise sensorial ocorre quando há uma desregulação na forma como o cérebro processa as informações sensoriais, levando a uma sobrecarga que pode resultar em reações intensas. Para oferecer suporte adequado, é essencial reconhecer os sinais dessa sobrecarga, que podem incluir aumento da ansiedade e agitação, comportamentos de evitação, irritabilidade, choro, reações exacerbadas a estímulos, comportamentos repetitivos intensificados, dificuldades de comunicação, agressão ou autoagressão e reações físicas como enjoos a cheiros fortes⁷.

No ambiente aeroportuário, que é muito rígido em termos de segurança e protocolos, essas reações às vezes são mal interpretadas como problemas de comportamento ou riscos à segurança⁵. Reações comumente identificadas pelos neurotípicos como "birras" com ou sem "agressões físicas" podem, na verdade, ser manifestações de uma necessidade de suporte devido a desafios comunicacionais e sensoriais⁸.

Se uma crise sensorial ocorrer no ambiente aeroportuário, a resposta deve ser calma e compreensiva. Manter a tranquilidade, reduzir estímulos, oferecer um espaço seguro e validar os sentimentos da pessoa são estratégias fundamentais.

Nessas situações, a comunicação deve ser clara e a interação não deve ser forçada, evitando inclusive o contato físico com a pessoa. Se a pessoa estiver acompanhada, seu acompanhante deve saber qual a melhor estratégia para que essa autorregulação aconteça.

A sobrecarga sensorial, que leva a uma crise, pode ser provocada por ruídos intensos, iluminação excessiva, temperaturas elevadas e espaços barulhentos.

A seguir, serão apresentados alguns dos momentos que podem desencadear crises nos passageiros neurodivergentes:

⁷ 8 Marinho, Oliveira e Garcess, 2022.

⁸ Castro, Batista e Andrada, 2025.

Processos de segurança e *check-in*: As longas filas nas áreas de check-in e segurança podem gerar ansiedade. O próprio procedimento de inspeção de segurança pode ser intrusivo e desconfortável. A necessidade de colocar smartphones e tablets no *scanner* da inspeção de segurança, por exemplo, pode desencadear ansiedade em algumas pessoas com TEA.

Desorientação e dificuldade de encontrar o caminho: Sistemas de sinalização não adaptados e a dificuldade em se orientar dentro do aeroporto podem causar estresse.

Interações sociais: O contato com multidões e a dificuldade em interpretar pistas sociais podem ser desafiadoras. Pistas sociais são sinais não verbais ou contextuais que as pessoas usam para entender como agir em situações sociais — como expressões faciais, entonação da voz, gestos, linguagem corporal ou regras implícitas de comportamento. Esbarrões acidentais com outras pessoas, bagagens, bolsas ou mochilas em espaços lotados são comuns e podem ser extremamente incômodos ou até mesmo dolorosos para pessoas com hipersensibilidade tátil.

Quebra da rotina e imprevisibilidade: Qualquer atraso ou cancelamento de voo representa uma quebra na rotina esperada e pode aumentar a ansiedade.

Ambiente da aeronave: Ruídos internos, como o som dos motores e anúncios, e a iluminação da cabine podem ser problemáticos. A falta de espaço pessoal em voos superlotados também pode gerar desconforto.

Mudanças na rotina: O serviço de bordo com alimentos desconhecidos pode ser um fator de estresse, especialmente devido à seletividade alimentar comum em pessoas com TEA.

Restrições de movimento: A necessidade de permanecer sentado durante o voo pode ser difícil para algumas pessoas com TEA que apresentam comportamentos repetitivos ou necessidade de movimento.

Vale lembrar que essas manifestações são altamente individuais, podendo variar em intensidade, duração e forma de expressão. Ainda, é fundamental compreender que a sobrecarga não representa um fracasso, mas sim uma necessidade legítima de suporte e adaptação.

Muitas vezes, a crise não acontece de forma repentina — ela pode ser resultado de uma sequência de estímulos que geram desconforto. Alguns sinais de desregulação sensorial podem ser observados antes do início da crise:

- **Aumento da ansiedade e agitação:** A pessoa pode parecer mais inquieta, nervosa ou tensa do que o habitual. Isso pode se manifestar como um passageiro apertando as mãos repetidamente, balançando o corpo ou mostrando dificuldade em permanecer naquele ambiente.
- **Comportamentos de evitação:** A pessoa pode tentar se afastar da fonte de estímulo sensorial, como cobrir os ouvidos devido a ruídos altos ou fechar os olhos em ambientes com muita luz. Um passageiro pode se encolher ou tentar se afastar de pessoas em áreas lotadas, ou cobrir o nariz em resposta a cheiros fortes.
- **Irritabilidade e choro:** A pessoa pode ficar mais facilmente frustrada, irritada ou começar a chorar sem motivo aparente.
- **Reações intensas a estímulos:** Alguns estímulos podem causar respostas mais fortes, como sobressaltos a sons ou desconforto acentuado ao toque. O som de um carrinho de bagagem, um anúncio no alto-falante ou até mesmo o toque accidental de outra pessoa pode gerar incômodo ou agitação.
- **Comportamentos repetitivos aumentados:** Pode haver um aumento na frequência ou intensidade de comportamentos estereotipados, como balançar, bater as mãos ou vocalizações repetitivas. Estes comportamentos podem ser uma forma de autorregulação, mas também indicam uma sobrecarga sensorial.
- **Dificuldade de comunicação:** A pessoa pode ter dificuldade em se expressar ou em entender o que está sendo dito e em manter o contato visual. Pode haver uma regressão na fala ou o uso de gestos para se comunicar.
- **Reações físicas:** Podem ocorrer reações como enjoos com cheiros fortes, tontura, náuseas ou dores de cabeça devido à sobrecarga sensorial.
- **Agressão e Autoagressão:** Agressões e autoagressões podem ocorrer em passageiros neurodivergentes, especialmente durante crises sensoriais. Embora possam parecer assustadoras, essas manifestações geralmente não indicam violência intencional, mas sim uma tentativa de comunicação ou autorregulação diante de sobrecarga emocional. A autoagressão pode incluir bater com a cabeça, morder as mãos, dar tapas ou socos

em si mesmo. A agressão pode se manifestar como empurrões ou gritos. Muitas pessoas com TEA apresentam hipossensibilidade à dor e recorrem a esses comportamentos como forma de sentir o corpo ou aliviar tensões.

O mais importante é lembrar que todo comportamento comunica algo. A escuta ativa e o acolhimento sem reatividade ajudam a reduzir a intensidade das crises e demonstram respeito às pessoas neurodivergentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta cartilha foi elaborada com o objetivo de ampliar a compreensão do público geral sobre a neurodiversidade, promovendo uma cultura de respeito, empatia e inclusão no ambiente aeroportuário e nas experiências de viagem. Ao reconhecer que pessoas neurodivergentes percebem e interagem com o mundo de formas diversas — e igualmente válidas —, contribui-se para a construção de uma sociedade mais justa e acessível.

Compreender que comportamentos incomuns, dificuldades de comunicação ou reações sensoriais intensas são expressões legítimas de modos distintos de ser, é um passo essencial para a convivência respeitosa. A atitude de acolher sem julgar, oferecer apoio com gentileza e respeitar o tempo e os limites do outro pode fazer toda a diferença na vivência de uma pessoa neurodivergente.

A inclusão é uma responsabilidade de todos. E começa, sobretudo, pela informação e pela disposição em olhar para o outro com empatia. Ao conhecer mais sobre a neurodiversidade, cada pessoa se torna agente de transformação, contribuindo para um transporte aéreo — e uma sociedade — mais acolhedora para todos.

Para lembrar...

Ao longo desta cartilha, foi apresentado o conceito de neurodiversidade, que reconhece que condições como o TEA fazem parte da variação natural da experiência humana.

Foram abordados os desafios que pessoas neurodivergentes enfrentam em ambientes como aeroportos, que costumam ser intensos em estímulos sensoriais e imprevisibilidades. Diante disso, comportamentos como ecolalia, movimentos repetitivos, uso de abafadores de som ou outros objetos de regulação sensorial, e reações emocionais mais intensas devem ser compreendidos como estratégias de enfrentamento e não como atitudes inadequadas.

Também foi destacado que nem todas as deficiências são visíveis. O uso de símbolos como o cordão de girassóis ou o quebra-cabeça pode auxiliar na identificação de passageiros que necessitam de apoio diferenciado, mas a ausência desses itens não invalida suas necessidades. O mais importante é manter uma postura de respeito, evitar julgamentos e oferecer apoio quando necessário, sempre com cuidado e escuta.

Por fim, reforça-se que atitudes simples, como comunicar-se com clareza, respeitar o tempo do outro, não insistir em contato físico e reconhecer sinais não verbais, fazem grande diferença para garantir que todas as pessoas, independentemente de seu funcionamento neurológico, possam vivenciar o transporte aéreo com dignidade, segurança e acolhimento. A informação é o primeiro passo para a inclusão — e cada pessoa tem um papel importante nessa transformação.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed. texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- ARAÚJO, A. G. R., SILVA M.A.D.A., ZANON R.B. AUTISMO, Neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. *Psicol Esc Educ.* 2023;27:e247367. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/S5FdcTLWS9bPdJwPXcdmnHz/>.
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BRASIL. Lei nº 14.624, de 17 de julho de 2023. Altera a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), para instituir o uso do cordão de fita com desenhos de girassóis para a identificação de pessoas com deficiências ocultas. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 18 jul. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114624.htm. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BRASIL. Lei nº 13.977, de 8 de janeiro de 2020. Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 9 jan. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113977.htm. Acesso em: 28 abr. 2025.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 28 abr. 2025.
- CASTRO, R. T. de; BATISTA, M. M.; ANDRADA, M. E. S. Acessibilidade aeroportuária para passageiros neurodivergentes: uma pesquisa global sobre iniciativas e suas implicações. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 19, 2025. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v19.3077>.
- DONAGHY, B.; MOORE, D.; GREEN, J. Co-occurring physical health challenges in neurodivergent children and young people: a topical review and recommendation. *Child Care in Practice*, v. 29, n. 1, p. 3–21, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13575279.2022.2149471>.
- DOYLE, N. Neurodiversity at work: a biopsychosocial model and the impact on working adults. *British Medical Bulletin*, v. 135, p. 108–125, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/bmb/ldaa021>.

HIDDEN DISABILITIES SUNFLOWER. O que é o Sunflower? [s.d.]. Disponível em: <https://hiddendisabilitiesstore.com>.

LANG, J.; WYLIE, G.; HAIG, C.; GILLBERG, C.; MINNIS, H. Towards system redesign: an exploratory analysis of neurodivergent traits in a childhood population referred for autism assessment. PLOS ONE, v. 19, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0296077>.

MORAL, A. et al. Guia para leigos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). São Paulo: Autismo e Realidade, 2021. Disponível em: <https://www.autismoerealidade.org.br>.

PEREIRA, E. T.; MONTENEGRO, A. C. A.; ROSAL, A. G. C.; WALTER, C. C. F. Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo: impactos na comunicação. Cogas, São Paulo, v. 32, n. 6, e20190167, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cogas/a/QxhXpZ3jckz6K3dyCdbVhXq/?lang=pt>.

RONZANI, L. D.; LIN, J.; BITTENCOURT NETTO, B.; COSTA, M. A. de A.; REZENDE, V. L. de; GONÇALVES, C. L. Comorbidades psiquiátricas no transtorno do espectro autista: um artigo de revisão. Boletim do Curso de Medicina da UFSC. UFSC, v. 7, n. 3, p. 47–59, 2